

# O Eu e o Id. O que mudou na técnica psicanalítica?<sup>1</sup>

Gildo Katz<sup>2</sup>

**Resumo:** O autor examina a influência do Eu e o Id sobre a técnica psicanalítica. Como objetiva, pela amplitude do tema, descrever os desenvolvimentos da técnica decorrentes desta influência, procura discorrer sobre o que levou Freud a escrever o livro *O Ego e o Id*. Pensa que seis situações fizeram-no a efetuar modificações na tentativa de repensar a psicanálise a partir da primeira tópica: a progressiva espiritualização da Psicanálise, o declínio do inconsciente, a ditadura da razão, a introdução do objeto, os processos de identificação e a pulsão de morte em *Mais além do princípio do prazer*. Após examinar esses motivos, finaliza salientando a importância da palavra na técnica psicanalítica, uma vez que a psicanálise se caracteriza pela cura pela fala.

**Palavras-chave:** Freud. O Ego e o Id. Pensamento. Psicanálise. Resistência.

## 1. Introdução

A influência do Eu e o Id sobre a técnica psicanalítica é evidente se atentarmos para o fato de que autores como Melanie Klein, Bion, Lacan, Winnicott, Green, Ogden, entre outros, valeram-se desse texto para seus desenvolvimentos técnicos posteriores. Descrever esses desenvolvimentos, por sua amplitude, não caberia nesta apresentação.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Encontro Preparatório da Região Sul para o 29º Congresso da FEBRAPS. 8 de outubro de 2022. Porto Alegre, RS.

<sup>2</sup> Médico. Psiquiatra pela UFRGS. Professor de psiquiatria e professor da FUMM. Membro fundador e titular com função didática da SBPdePA.

Em razão disso, pretendo, ao invés de expor as ideias do que mudou na técnica, discorrer sobre o que levou Freud (1923/1976) a escrever o *Ego e o Id* e como ele influenciou a técnica psicanalítica.

## 2. As necessidades de modificações

Penso “que seis situações levaram Freud a efetuar modificações na tentativa de repensar a psicanálise a partir da primeira tópica: *a progressiva espiritualização da Psicanálise, o declínio do inconsciente, a ditadura da razão, a introdução do objeto e da identificação em Luto e Melancolia e a pulsão de morte em Mais Além do Princípio do Prazer.*

Em todas as modificações técnicas introduzidas por Freud, evidencia-se a importância do corpo. Hipnose, quando coloca a mão na testa do paciente em presença do terceiro objeto, e o famoso pêndulo, que também aparece no método catártico. Mesmo quando passa a privilegiar a técnica psicanalítica clássica, o *setting* surge também como uma ressonância do corpo.

## 3. A progressiva espiritualização

Com a técnica clássica, surge “outro corpo”, que resulta da falta de contato sensorial entre dois humanos. *O espírito agora é a interação mental.*

E com a introdução da pulsão de morte, as pulsões de autoconservação fazem parte de algo que Freud a todo o momento nos propõe: a passagem de uma linguagem da sexualidade a uma linguagem da espiritualidade — *Eros*. É visível em vários textos de Freud que Eros representa muito mais do que a pulsão sexual, uma vez que surge uma dimensão que vai esvanecendo o modelo essencial do início da Psicanálise — o modelo pulsional, fortemente ligado à sexualidade.

A espiritualização encontra-se na teoria do Eu, um sinal da primazia de algo que até então não tinha sido afirmado: a famosa frase “onde está o Id deveria estar o Eu” é muito mais ampla do que a afirmação de que a psicanálise servia para tornar consciente o inconsciente.

Trata-se de uma mudança fundamental. No primeiro capítulo do *Eu e o Id*, ele nos lembra das razões essenciais da criação de uma teoria do Eu, que era introduzir conceito de *resistência*, e acomodar a PM, pois ela é contrária à principal função do Eu: a função sintética capaz de criar complexidades cada vez maiores.

A *resistência* é o que falta no primeiro modelo de Freud, pois apenas tornar consciente não modifica a relação do sujeito com ele próprio. Com a afirmação do *Eu*, o analista passa a ter de contar não apenas com o trabalho de

tornar consciente o que era inconsciente, mas também com a necessidade de se confrontar com aquilo que, dentro do sujeito, resiste a **qualquer espécie de mudança**, como é o caso da angústia catastrófica frente à mudança, conforme Bion (1962/1987).

É o conceito de resistência à mudança que altera o próprio modo de encarar a Psicanálise. De fato, é a falha de uma ilusão que leva Freud à progressiva espiritualização do seu dizer.

À ilusão de que o levantamento do recalçamento significaria a cura do sujeito sucede a queda numa espécie de realidade fantástica e terrível, constituída pela brutalidade daquilo que, dentro do sujeito, se opõe à sua mudança. Nesse sentido, a **introdução do objeto** é o **corpo novo** que é mediado pelas instâncias e pela realidade.

#### 4. O decréscimo do inconsciente

De fato, o Id é muito mais do que o inconsciente, como Freud (1923/1976) afirma, mas também é muito menos do que o inconsciente. O inconsciente da primeira tópica tinha a força de criar o conflito, o recalçamento, o sintoma, mas também tinha a capacidade de afirmar a liberdade do sujeito — quando este entrava em contato com o inconsciente. Agora, o inconsciente passa a ser apenas uma **qualidade** dos fenômenos mentais.

O inconsciente vai perdendo a sua dimensão e valor ao longo do Eu e o Id, afirmando Freud que é a formação do Eu que verdadeiramente lhe interessa. O Eu forma-se a partir do Id, de duas maneiras: como resultado do contato com o exterior e com o precipitado das relações de objeto perdidas — essas relações, sendo desinvestidas, deixam traços mnésicos que constituem o Eu. Verifica-se, portanto, a prevalência da **identificação na formação do Eu**.

**Nessa perspectiva, para além do decréscimo do inconsciente, há um acréscimo da identificação.** Embora o recalçamento não tenha perdido sua força, neste texto a identificação passa a ser o modelo essencial, segundo o qual se organiza a vida psíquica do sujeito, tanto no que respeita à formação do Eu como do Supereu.

Dessa maneira, Freud realiza um afastamento radical do modelo médico. Apesar disso, no modelo da teoria do recalçado (1ª tópica) — e na forma como é apresentada de forma linear a etiopatogenia na teoria causal da neurose —, havia algo que se estruturava de um modo não linear, a sobredeterminação do sintoma. Agora, o modelo perde essa característica e complexifica-se pelo jogo próprio das instâncias mentais — pelo jogo próprio da psique, cuja autonomia é autorizada. Verifica-se o abandono progressivo do interesse por um

funcionamento biológico, que vai sendo substituído pela afirmação radical do funcionamento mental.

## 5. A ditadura da razão

Este fenômeno é muito interessante em termos da evolução do pensamento psicanalítico: a *teoria da identificação* representa um afastamento de Freud em relação aos seus próprios modelos anteriores. A ênfase do modelo identificatório é a ênfase de um modelo psicológico para a mente. Portanto, essa espiritualização é um decréscimo do inconsciente e, em última análise, é uma ditadura da razão (ditadura aqui entendida não no sentido pejorativo).

A frase “onde está o Id deverá estar o Eu” (Freud, 1923/1976, 35) nada tem a ver com a ideia de que aquilo que está inconsciente deve ser transformado em consciente. Agora é o sujeito que passa a ser consciente do seu inconsciente.

A passagem linear, que às vezes se faz entre essas duas ideias (as duas tópicas), dizendo que têm o mesmo significado, é completamente falsa. Porque, a partir do Eu e do Id, passam a ser atribuídas ao Eu dimensões pré-conscientes, conscientes e inconscientes, sendo também o Eu que tem de reger os princípios da vida psíquica.

A cura psicanalítica passou a ter outra dimensão. Não é mais o levantamento do recalcado — deixou de ser a possibilidade de o sujeito tomar contato com algo que estava escondido dentro dele e que era o causador do seu conflito, como uma espécie de reminiscência irritativa, para ser uma modificação da complexização funcional da mente. O que isso significa é uma modificação da articulação entre as instâncias, que implica a relação de objeto, a natureza da defesa, a relação entre as instâncias, o interjogo das identificações e a modificação do regime dessa relação ---- temas caros à técnica kleiniana, como salienta Spillius (2007).

“Onde está o Id deverá estar o Eu” --- este é o *dictat* da razão — é a primeira consequência desse mesmo sistema. Só por uma auto-observação, própria do processo analítico, o ser humano pode — algumas vezes — emancipar-se dos aspectos primitivos que se movem dentro dele.

Não se trata mais da realização de um princípio que ainda é consequência do método catártico, mas de um processo específico do sujeito saber. A segunda consequência epistemológica: a uma teoria causalística sucede-se uma teoria descritiva. A segunda tópica é descritiva: é a descrição das relações entre instâncias, da natureza do seu funcionamento e da maneira como se estruturam, que vai se afirmar na técnica psicanalítica.

O modelo descritivo casa com a questão do conhecimento, com a capacidade de pensar. Tal como à palavra “ditadura” não deve ser atribuída qualquer

pejoração, também a palavra “razão” deve ser entendida como a razão iluminista e pós- iluminista. Trata-se, portanto, da ditadura de um *cogito* que se ergue sobre o sujeito e que permite que ele se conheça, mesmo onde não se conhecia. ***A análise serve para que o indivíduo seja apresentado a ele mesmo.***

Outra questão fundamental é a importância da *palavra*. Freud (1923/1976) acentua drasticamente que ao invés de perguntar como uma coisa se torna consciente, seria mais vantajoso perguntar como uma coisa se torna pré-consciente. A resposta seria: vinculando-se às representações verbais que lhe correspondem. Ou seja, tornando-se do domínio da palavra.

Essa importância da palavra irá, mais uma vez, dividir os analistas. Alguns pensam que a palavra tem um valor relativo no processo analítico: de que a situação regressiva na análise estrutura o processo de transferência. Ao contrário, Freud acredita que é pela palavra que se cria a representação e o conhecimento. Essa perspectiva atribui à relação analítica uma especificidade: a cura pela palavra.

A interpretação é o lugar fundante da relação entre analista e analisando. Fora da interpretação, o analista não tem qualquer lugar que lhe seja próprio. Trata-se de uma ideia central que só dois autores compreenderam completamente: Lacan e Bion. Lacan (1949-60/1998) com o significante; Bion (1962/1987), ao afirmar que a lalação — o acesso aos primórdios da linguagem —, é o primeiro sinal da identificação do bebê à função continente da mãe.

Em contrapartida, a palavra é muito menos central nos analistas que cultivam a maternagem — uma espécie de psicanálise materno-plástica —, em que o acesso do sujeito ao amparo é mais importante do que o acesso ao conhecimento e ao saber sobre si.

Na obra freudiana, a palavra é o primeiro sinal da apresentação dos limites da analisabilidade. Introduce-se a questão de outra relação do sujeito com o cogito — já não é tanto o “penso logo existo”, mas o “eu conheço”. Mais do que conhecer, trata-se da capacidade de cogitar, de pensar, presente na técnica de Bion (1962/1987), Green (2012), Ogden (1996), entre outros.

A capacidade cogitativa do sujeito significa ser capaz de entrar em contato com a natureza da sua angústia: com a relação do Eu com o Id, com o Supereu e com a Realidade. É isso que enriquece a mente e promove o crescimento mental, porque transforma-se na capacidade de a pessoa tolerar saber, apesar do sofrimento inerente a todo o processo de saber.

Foi no domínio da palavra que se modificou a técnica. Por exemplo, quando se começou a tratar psicanaliticamente os psicossomáticos, aquilo que se alterou foi do domínio da palavra do analista — o tipo de interpretação e a relação à fantasia. Se há uma tremenda falha no pré-consciente desses pacientes, o analista tem de favorecer e ampliar essa função do pré-consciente. Trata-se de

uma modificação do sistema interpretativo, mas continua a pertencer ao campo da palavra. Também quando os pacientes psicóticos são tomados em análise, o que se modifica é novamente o regime da palavra, e não o quadro.

## 6. Comentários

Inicialmente, Freud queria tornar consciente o inconsciente. Agora, ele quer que o sujeito possa saber falar de si e não sobre si. Parafraseando Lacan (1949-60/1998), trata-se de fazer com que a ordem simbólica possa se instalar. Bion diria: fazer com que haja um aparelho para pensar os pensamentos. Maldavsky (1992), por sua vez, compreenderia que se trataria de um aparelho para sentir os sentimentos.

Tornar pré-consciente o inconsciente — fazê-lo do domínio da palavra — é uma ideia extraordinária. Significa buscar que o Eu passe a ter a capacidade de articular, através da representação, as coisas que acontecem na sua realidade multicomplexa e multifacetada. Significa, através da relação com o mundo interno, tornar o Eu capaz de lidar de outra maneira com o Id, com o Supereu e com a realidade externa.

É na representação acústica — na palavra — que tudo se opera. Em torno dessa questão, muitos analistas pensam que “a carne se faz verbo”, que seria a evolução do corpo para o corpo falante. Outros, como Lacan, pensam que o verbo se faz carne, ou seja, que é a palavra que funda e que dá ao sujeito um lugar, mesmo como carne.

### The Ego and the Id. What has changed in psychoanalytic technique?

**Abstract:** The author examines the influence of The Ego and the Id on psychoanalytic technique. As he considers, given the breadth of the subject, to describe the technical developments resulting from this influence, he seeks to discuss what led Freud to write this book. He thinks that six situations made him make changes in the attempt to rethink psychoanalysis from the first topic: the progressive spiritualization of Psychoanalysis, the decline of the unconscious, the dictatorship of reason, the introduction of the object, the processes of identification and the drive of death in Beyond the pleasure principle. After examining these reasons, he ends by stressing the importance of the word in psychoanalytic technique, since psychoanalysis characterized by healing through speech.

**Keywords:** Freud. Psychoanalysis. Resistance. The Ego and the Id. Thought.

## Referências

- Bion, W. R. (1987). Uma teoria sobre o pensar. In W. R. Bion, *Estudos psicanalíticos revisados* (Cap. 9, pp. 107-126). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962)
- Freud, S. (1976). O Ego e o Id. in *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Green, A. (2012). A clínica contemporânea e o enquadre interno do analista. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46(3), 215-225.
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar Editora. (Trabalho original publicado entre 1949 e 1960)
- Maldavsky, D. (1992). *Teoría y clínica de los procesos tóxicos*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Ogden, T. (1996). *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1994)
- Spillius, E.B. (2007). *Uma visão da evolução clínica kleiniana: Da antropologia à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA  
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 14/10/2022

Aceito em: 14/10/2022

Gildo Katz  
Rua Mariante, 288 / 1208  
90430-180 – Porto Alegre – RS – Brasil  
E-mail: gildokatz@gmail.com